

## Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?<sup>1</sup>

Jorge Malheiros<sup>2</sup>

Rui Carvalho<sup>3</sup>

Luís Mendes<sup>4</sup>

**Resumo:** À imagem do que acontece, atualmente, em muitas metrópoles da Europa do Sul, alguns bairros do centro histórico de Lisboa surgem marcados pela coexistência de dois processos de transição sócio-urbanística, nomeadamente a fixação de imigrantes não europeus e a evidência de uma nobilitação urbana marginal, cuja ocorrência paralela tem conduzido à diversificação cultural e étnica. Recorrendo à Mouraria como exemplo, procurar-se-á perceber como se materializa a interação e como são geridas as potenciais tensões entre os grupos que protagonizam os dois processos e, também, destes com a população “tradicional” do Bairro. Será conferida uma atenção particular aos *marginal gentrifiers*, procurando detetar eventuais paradoxos entre um discurso tolerante e localmente empenhado e práticas efetivas menos integradas nas redes sociais locais e, portanto, com menor potencial para promover a revitalização do lugar da Mouraria.

**Palavras-chave:** Diversidade sociocultural; Etnicização residencial; Nobilitação urbana marginal; Relações sociais.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito do projeto GEITONIES (FP7), coordenado pela Professora Lucinda Fonseca do Centro de Estudos Geográficos.

<sup>2</sup> Geógrafo, professor associado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-UL) e investigador dos núcleos MIGRARE e NETURB do Centro de Estudos Geográficos (IGOT-UL) (Lisboa, Portugal). E-mail: gatomaltes@netcabo.pt.

<sup>3</sup> Geógrafo e investigador do núcleo MIGRARE do Centro de Estudos Geográficos do IGOT-UL (Lisboa, Portugal). E-mail: racarvalho@fl.ul.pt.

<sup>4</sup> Geógrafo e investigador do núcleo NETURB do Centro de Estudos Geográficos do IGOT-UL (Lisboa, Portugal). E-mail: luis.mendes@ceg.ul.pt.

## **Introdução**

Durante as últimas décadas, os núcleos históricos das cidades tenderam a degradar-se como consequência de um modelo de crescimento urbano favorável à expansão para a periferia, em detrimento da revitalização das áreas centrais mais antigas e da coesão do tecido urbano já existente. O mercado habitacional concentrou os seus esforços num projeto imobiliário que se desenvolveu, predominantemente, ao longo dos grandes eixos rodo-ferroviários, em direção a áreas periféricas, cada vez mais afastadas dos centros, ao passo que estes sofriam um processo de despovoamento e de envelhecimento demográfico.

No entanto, o mercado de habitação das cidades portuguesas, à semelhança das do capitalismo avançado, começa a sofrer algumas transformações, do ponto de vista da emergência de novos produtos imobiliários e de novos formatos de alojamento, com consequências na organização espacial urbana (Mendes, 2008, 2009; Rodrigues, 2010). Na verdade, aos olhos de um conjunto amplo de autores, estas transformações configuram, já há algum tempo, o esboço de uma tendência de recentralização que, convém frisar, não substituiu, pelo menos até à presente fase de crise do capitalismo, a contínua desconcentração das residências e das atividades. A materialização desta tendência, que só recentemente começa a ultrapassar uma lógica quase exclusivamente pontual, está patente na forte atenuação do ritmo de perda demográfica de Lisboa observado no último decénio (-14,9% entre 1991 e 2001; apenas -3,4% entre 2001 e 2011) e, sobretudo, na recuperação populacional, registada no último período, em algumas freguesias do centro histórico, com destaque para Santa Justa e para o Socorro (INE, Censos de 2001 e 2011).

Note-se que a “recentralização diz respeito à revalorização de áreas na cidade interior e compreende a reabilitação de sítios antigos e o reaproveitamento de áreas subocupadas, para além dos processos mais permanentes de renovação pontual, ou em mancha” (Barata Salgueiro, 2001: 62). Trata-se, por um lado, de um processo associado à recomposição do sistema produtivo, cuja evolução se pauta por uma crescente terciarização e pela emergência de um novo modelo de acumulação capitalista mais flexível, que reconhece no (re)investimento no centro histórico – de capital imobiliário, e na sua circulação – uma mais-valia (Barata Salgueiro, 2006). Por outro lado, radica na reconfiguração da estrutura social sob o signo de uma condição urbana pós-moderna – aqui entendida como um conjunto articulado de mudanças culturais nas experiências e

práticas urbanas quotidianas – indissociavelmente ligada a uma cultura de consumo e à estetização da vida social.

No entanto, esta potencial revalorização do centro histórico por via de intervenções de qualificação do espaço público e do edificado, nomeadamente a reabilitação de edifícios e mesmo a implementação de alguma construção nova destinada a segmentos de população mais jovens e com mais recursos, é, nalguns bairros, concomitante com um processo de transição socioétnica que corresponde à chegada e fixação de imigrantes mais jovens, que desenvolvem estratégias de inserção económica em atividades de baixa qualificação. Efetivamente, nas áreas do centro histórico com menor *status* social, mais marcadas por imagens de degradação sócio-urbanística e menos sujeitas a processos de reapropriação por via da instalação de atividades culturais ou de lazer, os processos de regeneração tendem a ser mais tímidos e menos amplos, o que leva a que o surgimento de novos produtos imobiliários seja mais limitado.

Perante a pressão imigratória verificada em Portugal e em Lisboa, nos primeiros anos do decénio que abriu o século XXI, os imigrantes oriundos do Brasil e de países asiáticos como a China, a Índia ou o Bangladesh, tornaram-se clientela preferencial para as ofertas de alojamento situadas em áreas do centro histórico ou da sua vizinhança imediata, como as supracitadas freguesias do Socorro e de Santa Justa, ambas integradas na Mouraria, um Bairro da franja oriental da Baixa lisboeta, que corresponde ao segmento menos valorizado desta, por comparação com o espaço mais burguês e elegante do Chiado, situado na metade ocidental.

Tal transição étnico-demográfica, se bem que não se traduza numa redução das rendas imobiliárias, até porque estas sofrem, atualmente, um incremento, o que significa a obtenção de mais-valias superiores, pode, de algum modo, ser interpretada como um processo mitigado e potencial de *filtering down* no quadro de dinâmicas de invasão-sucessão (Bonvalet, Carpenter e White, 1995). Por um lado, as rendas atualmente obtidas acabam por ser inferiores às rendas potenciais para a área, se um processo de regeneração mais amplo ocorresse. Por outro, a substituição demográfica tem, na base, grupos étnicos cuja posição de classe não difere muito da população autóctone precedente, mas que possuem um *status* social menos reconhecido, o que pode sustentar a lógica *filtering down*. Efetivamente, estes imigrantes oriundos da Ásia e do Brasil, mesmo que tragam um efetivo contributo para a dinamização económica e demográfica desta área do centro de Lisboa, são, frequentemente, percebidos pela maioria autóctone

como responsáveis por um processo de desapropriação, marcado por componentes de degradação urbanística e social (Malheiros, 2001 e 2008).

Em suma, a Mouraria aparece, atualmente, marcada pela coexistência de dois processos de transição sócio-urbanística aparentemente paradoxais, o primeiro situado no âmbito da nobilitação marginal, que tem implícita uma ideia de *filtering up*, e o segundo associado ao estabelecimento da residência de imigrantes não europeus, o que conduz a um forte quadro de diversificação cultural e étnica que, numa leitura baseada nas referências tradicionais, corresponderia a uma lógica de *filtering down*. Perante este cenário, importa perceber como são geridas as tensões resultantes da progressiva coexistência, não apenas dos grupos que protagonizam os dois processos descritos, mas também destes com os restantes autóctones, que podem ser considerados a população “tradicional” do Bairro. Em termos mais específicos, pretende-se dar uma atenção particular ao papel dos *marginal gentrifiers* neste contexto, destacando eventuais paradoxos entre uma imagem e um discurso liberal, tolerante e localmente empenhado e práticas efetivas eventualmente menos integradas nas redes sociais locais e, portanto, com menor potencial para o processo de recomposição do lugar (espaço físico com uma identidade e uma comunidade nele inscrita) da Mouraria.

## **1. Nobilitação urbana marginal, diversidade cultural e etnicização residencial**

### **1.1 Acerca da natureza e da compatibilidade dos processos**

Na atualidade, a nobilitação urbana ocorre de várias formas em diferentes bairros de diversas cidades, concretizando-se em distintas trajetórias de mudança, o que implica uma variedade de protagonistas (Lees, 2000). No entanto, a discussão acerca da definição do conceito, que teve lugar ao longo dos últimos 40 anos, clarifica um conjunto de aspetos essenciais, afirmando Savage e Warde (1993) que a ocorrência de nobilitação no espaço urbano depende da coincidência de quatro processos: i) uma reorganização da geografia social da cidade, com substituição, nas áreas centrais da cidade, de um grupo social por outro de estatuto mais elevado; ii) um reagrupamento espacial de indivíduos com estilos de vida e características culturais similares; iii) uma transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, com a criação de novos serviços e uma requalificação residencial que prevê importantes melhorias arquitetónicas; e iv) uma mudança da ordem fundiária, que, na maioria dos casos,

determina a elevação dos valores fundiários e um aumento da quota das habitações em propriedade.

Por definição, nobilitação urbana passou, assim, a designar o movimento de chegada de grupos de estatuto socioeconómico mais elevado, geralmente jovens e de classe média, a áreas centrais desvalorizadas da cidade. O efeito é que essas áreas se tornam social, económica e ambientalmente valorizadas, sofrendo um processo de *filtering up* (Hall, 1998). É um processo de mudança sócio-espacial, onde a reabilitação de imóveis residenciais situados em bairros da classe trabalhadora ou de génese popular/tradicional, atrai a fixação de novos moradores relativamente endinheirados, levando ao desalojamento de ex-residentes que não podem mais pagar o aumento dos custos de habitação que acompanham a regeneração (Pacione, 2001). Por conseguinte, é um processo pelo qual os bairros pobres e de classe trabalhadora na cidade centro são requalificados, através da entrada de fluxos de capital privado e de proprietários e inquilinos da classe média e média-alta. Note-se que, em muitos casos, estes bairros experimentam um processo prévio de desinvestimento e de êxodo da classe média baixa, frequentemente associado a perdas de população e à instalação de grupos sociais de nível socioeconómico ainda mais reduzido, em muitos casos de origem imigrante, designado, no contexto da Escola Ecológica de Chicago, por invasão-sucessão (Burgess, 1925).

Mais recentemente, como tivemos ocasião de discutir, os dois tipos de processos – nobilitação urbana e instalação de imigrantes com etnicização residencial – parecem ocorrer em simultâneo em determinados bairros das áreas centrais, mesmo que, a um nível mais fino, se verifique que têm lugar em blocos ou quarteirões distintos. Porque isto rompe com as lógicas tradicionais de interpretação da evolução das cidades do mundo capitalista ocidental, há autores, como Smith (1996), que destacam o facto de o processo sócio-espacial que a nobilitação urbana encerra representar uma inversão dramática e imprevisível do que a maioria das teorias urbanas do século XX tinham vindo a prever como evolução para a cidade centro.

Uma vez efetuado este enquadramento, deve referir-se que a nobilitação urbana se desdobra numa variedade de configurações sócio-espaciais e geográficas que precisam de ser distinguidas. Com o intuito de classificar e dar sentido a estas diferenças, Clay (1979) desenvolveu um modelo de estádios que tipifica um conjunto de aspetos, que vão desde a primeira fase da nobilitação (*pioneer gentrification*), até uma

quarta e última fase (*maturing gentrification*)<sup>5</sup>. As etapas finais deste modelo corporizam o paradigma convencional do que, vulgarmente, se designa por *gentrification*, envolvendo cada vez mais agregados familiares ou indivíduos de classe média-alta (*yuppies* e *dinks*) e promotores imobiliários que visam capitalizar a partir do “rent gap”<sup>6</sup> gerado pela oportunidade de investimento criada, aumentando o potencial de valor imobiliário nesses bairros, através da compra de habitações e posterior renovação e revenda para os membros mais ricos da nova classe média.

Pelo contrário, na primeira etapa da nobilitação urbana (primária), os grupos sociais pioneiros no processo apresentam características muito distintas daquelas que definem o *gentrifier* típico da fase final. Em termos gerais, afirmam-se a nível identitário pela “refutação do que interpretam como um estilo de vida suburbano das famílias de classe média e, em alternativa, valorizam a cidade interior histórica, vista como mais ‘humanizada’, e na qual as relações de proximidade e de vizinhança estão ainda presentes” (Rodrigues, 2010: 123). Na linha de pensamento de Caulfield (1994), Ley (1996) e Butler (1997) argumentam que uma das marcas destes *gentrifiers* consiste na sua capacidade para explorar o potencial emancipatório do centro da cidade, criando uma nova classe urbana, culturalmente sofisticada e menos conservadora. Ley e Mills (1986), por seu lado, tomando como referência as cidades do Canadá, defendem que a sua nobilitação foi iniciada por uma contracultura marginal que procurava espaços da cidade interior capazes de representar uma ideologia expressiva contrária à ideologia dominante do urbanismo moderno dos anos 50 e 60.

Referindo-se aos *gentrifiers* pioneiros, Rose (1984) desenvolveu o conceito de “*marginal gentrifier*”, conceptualizando-os como algo específico, distinto da *gentrification mainstream* e dos seus protagonistas-tipo. Este movimento, designado como “*marginal gentrification*”, corresponde, grosso modo, a franjas menos privilegiadas das novas classes médias, que apresentam uma significativa clivagem entre um capital escolar e cultural elevado e um nível mais baixo de capital económico. São indivíduos caracterizados por situações profissionais frequentemente marcadas pela instabilidade, e mesmo precariedade, mas que continuam a dar preferência às áreas centrais da cidade para fixar residência, tornando-se *gentrifiers* pioneiros,

---

<sup>5</sup> Esta teoria não foi aceite sem forte discussão e crítica conceptual, mas é útil na tipificação e definição de que a nobilitação urbana progride através de uma série de estádios (Lees, Slater e Wyly, 2008).

<sup>6</sup> Para uma clarificação em língua portuguesa do conceito de “rent gap”, consultar os trabalhos de Mendes (2008) e Rodrigues (2010).

presumivelmente atraídos pelo estilo de vida não-conformista e de ambiente urbano social e etnicamente misto e tolerante dos bairros da cidade centro, recusando a normatividade convencional suburbana.

Particularizando, e também de acordo com Rodrigues (2010: 123), o *marginal gentrifier* valoriza as áreas antigas da cidade centro pelo seu “urbanismo distinto, com a sua arquitetura e pelos seus bairros históricos, pelas ‘suas gentes’”, pelo seu cosmopolitismo e pelo seu comércio tradicional. Note-se que estes elementos da identidade local são compatíveis com as atitudes e práticas demonstradas pelos *marginal gentrifiers*, até porque o desalojamento não ocorre nesta fase, uma vez que os recém-chegados se apropriam, frequentemente, de uma habitação que está vaga, gerando mudanças insignificantes no parque edificado, sendo as acções de reabilitação e reconstrução efectuadas, na sua maioria, de modo directo pelos próprios ou conhecidos do meio social próximo. Aliás, a própria “natureza ‘faça você mesmo’ (do it yourself) do processo da nobilitação urbana, desta fase inicial, era um atributo inerente da própria identidade do processo e dos estilos de vida dos seus protagonistas” (Rodrigues, 2010: 124), designadamente jovens adultos das profissões sociais, intelectuais e artísticas. Todos estes fatores explicam a apropriação pontual e fragmentada do processo da nobilitação urbana no espaço-bairro. Tipicamente, a nobilitação é iniciada por alguns indivíduos em busca de pequenos espaços disponíveis em bairros desvalorizados que oferecem ambientes para estilos de vida alternativos (por exemplo, artistas de vanguarda, comunidades de *gays* e *lésbicas*). De acordo com Mendes (2008, 2009), esta primeira vaga corresponde a uma nobilitação urbana ainda em processo embrionário, de crescimento lento e esporádico, manifestando-se no espaço urbano de forma pontual e fragmentada, numa pequena escala circunscrita e limitada a apenas alguns fogos ou, quando muito, a alguns quarteirões de bairro, estando na base daquilo que este autor tem vindo a defender como geografias fragmentadas da nobilitação urbana.

É precisamente por ter estas características, que a nobilitação marginal pode ocorrer em áreas da cidade centro que experimentam, em simultâneo, outros processos de reconversão, de que é exemplo a instalação de vagas de imigrantes associada a um processo de etnicização residencial. Efetivamente, a obtenção de mais-valias fundiárias acrescidas nas áreas centrais das cidades sujeitas a processos prévios de desvalorização sócio-urbanística implica, numa primeira fase, formas de transição associadas à recolocação das habitações no mercado, frequentemente sem terem sido sujeitas a qualquer reabilitação ou assumindo esta um carácter claramente minimalista.



Adicionalmente, como este processo tende a preceder as operações de regeneração da cidade histórica inseridas no quadro das políticas públicas, a imagem negativa vai-se desvanecendo muito lentamente e a baixa qualidade do edificado e do espaço público prolongam-se no tempo, o que contribui para afastar, pelo menos na fase inicial da nobilitação, os segmentos mais solventes das classes altas e médio-altas. Em síntese, isto significa que ocorre uma reanimação limitada do mercado habitacional e que os valores de mercado do arrendamento se elevam mas que, no contexto da cidade, tendem a manter-se abaixo da média, permitindo o acesso de grupos sociais e étnicos com níveis médios e médio-baixos de solvência.

Para além dos motivos económicos relacionados com o mercado de alojamento, também no caso dos imigrantes há fatores de carácter social que tornam estas áreas de transição bastante interessantes. Por um lado, o centro histórico e, em particular algumas das suas praças, tendem a funcionar como a porta de entrada social na cidade, proporcionando contactos que ajudam a resolver problemas de emprego, alojamento ou carência de afetos. Uma localização nas “traseiras” destes espaços torna-os mais “próximos”, ao mesmo tempo que facilita a acessibilidade a outros pontos da cidade e da própria metrópole, uma vez que as linhas de autocarro e de metro tendem a estar bem presentes nestas áreas. Por outro lado, o efeito das redes sociais dos imigrantes que, em muitos casos, estabelecem lojas e restaurantes em áreas desvalorizadas na cidade-centro e das suas imediações, associado ao papel de alguns pioneiros que arrendam as primeiras habitações, vai funcionar no sentido de promover a fixação destas populações nestes bairros.

## **1.2. Diversidade e mix social na cidade centro: contradições entre discurso e práticas do *gentrifier***

Como percebido anteriormente, a nobilitação urbana tem sido associada a movimentos sociais na cidade centro que apelam à diversidade, à diferença e à mistura social. De acordo com as pesquisas sobre o processo, os desejos “liberais” dos membros das novas classes médias, com destaque para aqueles que protagonizam as fases iniciais da nobilitação, pela diferença e pela diversidade (n)da cidade, assumem-se como a chave explicativa para o processo de nobilitação e para a criação de uma cidade mais aberta e tolerante. Concomitantemente, do ponto de vista ideológico, também chamam a atenção para o modo como os benefícios da miscigenação social em comunidades



urbanas se tornaram numa temática de inquestionável importância no discurso político. A diversidade sociocultural sempre foi um *leitmotiv* para as novas procuras de habitação nos bairros históricos e tradicionais da cidade centro. É sabido que uma das excelentes amenidades da vida na cidade densa é a exposição à diversidade social, cultural e étnica. O ambiente urbano de diversidade é uma fonte contínua de estímulo, renovação e um lembrete da relatividade cultural de que se constroem as identidades e os próprios estilos de vida (Lees, 2008). De algum modo, este “espírito da diversidade” tem sido associado, até historicamente, à capacidade particular das cidades para serem criativas e gerarem inovação (Bairoch, 1985; Florida, 2005).

Inquestionavelmente, a problemática da mistura social migrou para a vanguarda do debate da *gentrification*, assumindo-se, frequentemente, a suposição de que a nobilitação ajuda a aumentar e a promover a mistura social e, assim, a incrementar o capital social e a coesão social das comunidades urbanas. Contudo, há diversos trabalhos (Rose, 2004; Davidson, 2010; Arbaci e Rae, no prelo) que enfatizam o facto de existirem poucas evidências que comprovem as supostas interações significativas entre as populações, tendo sido muito escassas as perceções compartilhadas de comunidade entre *gentrifiers*, população autóctone e populações imigrantes dos bairros entretanto nobilitados. Davidson (2010) afirma mesmo que o carácter particular das novas formas de nobilitação urbana (ex: condomínios privados de luxo) tem desempenhado um papel importante na emergência de uma certa “tectónica social”, influenciando, conseqüentemente, a organização espacial urbana em direção a uma crescente segregação a micro-escala e, também, a uma fragmentação do espaço urbano contemporâneo.

Alguns estudos sobre os níveis de interação social efetuados nesses bairros nobilitados apontam para a ideia de que as redes sociais entre vizinhos tendem a ser socialmente segregadas, especialmente em termos de estatuto socioeconómico e etnia. Um influxo de residentes endinheirados num bairro de classe média desfavorecida pode não aumentar a coesão social, uma vez que os contactos entre os indivíduos/agregados familiares de baixo rendimento e os de elevado tendem a ser superficiais, na melhor das hipóteses, e francamente hostis, na pior delas. As novas classes médias revelam no discurso um desejo de diversidade e diferença, mas tendem para uma prática quotidiana de apropriação social do espaço que parece assumir características de autosegregação. As noções de diversidade parecem residir apenas nas representações sócio-espaciais dos *gentrifiers* – no autoconceito de cidadãos cosmopolitas – não se manifestando de forma

real nas suas práticas, refletindo mais uma forma de se definirem e distinguirem enquanto fração específica de classe, do que de efetiva apropriação social do espaço de forma tolerante, aberta e plural.

No fundo, e como Davidson (2010) argumenta, os mundos de vida das duas populações raramente se cruzam. Não trabalham nos mesmos lugares, nem usam o mesmo modo de transporte. Não frequentam os mesmos restaurantes, nem os mesmos espaços públicos. Apresentam estruturas familiares diferentes. Revelam, igualmente, distintas expectativas e aspirações face à comunidade e à “suposta” mistura social, raramente emergindo laços sociais transversais à classe e às linhas étnicas.

Em grande medida, e sintetizando os conteúdos anteriores, pode afirmar-se que há uma “tese emancipatória” (Lees, 2000) que funciona, de algum modo, como uma reflexão acerca das ideologias associadas à nobilitação urbana marginal e pioneira. É neste quadro que surge um corpo significativo de argumentos sobre a nobilitação urbana como libertadora e crítica, que chegam mesmo a enquadrá-la no âmbito das lógicas de contracultura. Há, também, uma dimensão temporal subjacente ao entendimento do avanço do processo que encara a *gentrification* pioneira como apresentando, indubitavelmente, aspetos mais positivos do que as fases posteriores mais agressivas do processo. Adicionalmente, os discursos dos *marginal gentrifiers* parecem apontar no sentido de que estes indivíduos relevam valores como a diversidade de culturas e estilos de vida, ou a tolerância e a liberdade de expressão, identificando o centro histórico como espaço liminar e de emancipação. No entanto, a passagem dessas representações a práticas efetivas de mistura social, nem sempre parece ocorrer de forma linear, podendo até, em algumas situações, a sua presença atuar como catalisador de tensões e conflitos sociais.

## **2. Diversificação étnica e nobilitação urbana marginal: enquadrar o caso da Mouraria**

A Mouraria é um dos bairros históricos da cidade de Lisboa, situado na zona limítrofe ao seu centro tradicional. O tântame de compreensão das suas origens obriga a remontar ao século XII, aos anos subsequentes à conquista cristã da cidade de Lisboa, período durante o qual a área na qual hoje se constitui o Bairro se começou a afirmar como um espaço (extra muralhas da cidade) de concentração de moçárabes e mesmo muçulmanos.

O passar dos séculos, com particular relevo a partir do 18º centénio, enlevou o papel do Bairro enquanto espaço de receção de indivíduos provenientes de outras regiões do país (áreas rurais do interior) e, também, do exterior (com destaque para os originários da Galiza, especialmente durante os séculos XVIII e XIX).

A diversificação das origens geográficas dos migrantes que iam chegando ao Bairro vai ocorrer, com interessante notoriedade, a partir do terceiro quartel do século XX. Acompanhando o culminar dos processos de independência das colónias portuguesas em África, e em virtude da instabilidade social e política que se seguiu, em muitos dos casos, a tais ocorrências; vai-se assistir, a partir de meados dos anos 1970, à entrada de indivíduos provenientes dos designados Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), aos quais se seguiram, nas duas décadas seguintes, imigrantes provenientes do subcontinente asiático, originários de países como a Índia e, mais tarde, o Paquistão, o Bangladesh ou a China (Malheiros, 1996).

Os dados dos Censos 2001 (INE, 2001) – os últimos disponíveis sobre estas questões à data de elaboração deste trabalho – revelam, exatamente, as tendências anteriores, anunciando, para a área de estudo considerada<sup>7</sup>, um total relativo de cerca de 9% de indivíduos residentes de nacionalidade estrangeira, valor consideravelmente superior aos 3,5% referentes à média da cidade de Lisboa. Igualmente significativos se podem considerar os quantitativos referentes aos nacionais dos PALOP (25,3% dos estrangeiros), da Índia, Paquistão e China (22,2%) e de “outros países asiáticos” (12,5%) que somam, no seu conjunto, cerca de 60% do total dos não nacionais residentes no Bairro.

Os dados primários recolhidos aquando do trabalho de campo efetuado no âmbito do projeto GEITONIES (2009-2010) – que incluiu a aplicação de um questionário individual a residentes do Bairro – permitem, em decorrência do método de

---

<sup>7</sup> Resultado da riqueza da sua evolução histórica, fruto de múltiplas influências identitárias e culturais (de base étnica ou não), a definição de limites precisos para o Bairro da Mouraria revelou-se, à imagem do já reconhecido noutros estudos (Menezes, 2004), como um processo complexo. Tendo sido os dados primários utilizados recolhidos durante o projeto GEITONIES ([www.geitonies.fl.ul.pt](http://www.geitonies.fl.ul.pt)), foi respeitada a configuração seguida no referido trabalho. Assim, considera-se como “Bairro da Mouraria” a área delimitada: a Norte, pela Rua Nova do Desterro; a Leste, pelo eixo Rua das Olarias, Rua dos Lagares, Calçada de Santo André; a Sul, pela Costa do Castelo, Travessa da Achada, Rua da Madalena e Praça da Figueira; e a Oeste, pela Praça do Martim Moniz, Rua de São Lázaro e Rua do Desterro. A área considerada encerra a totalidade da população residente na freguesia do Socorro, cerca de ¾ da população de São Cristóvão e São Lourenço e pouco menos de 2/3 da de Santa Justa. No total, foram abrangidos pouco mais de 87% dos quase 5 mil habitantes das três freguesias (INE, 2001). Para uma explicação detalhada dos critérios inerentes à escolha e à delimitação desta área de estudo ver Fonseca *et al.* (2009). A configuração geral aqui utilizada é perceptível através da Figura 1.

amostragem aleatório seguido<sup>8</sup>, antever algumas dinâmicas demográficas e residenciais ocorridas durante o último período intercensitário.

Neste contexto, importa assinalar que 86 dos 100 indivíduos de origem imigrante inquiridos aleatoriamente se estabeleceram no Bairro durante a última década, valor que se torna ainda mais significativo quando se acrescenta que mais de metade (53%) dos imigrantes considerados residia no Bairro, à altura da sua inquirição, há menos de 5 anos. Tais valores parecem, por um lado, anunciar a elevada transitoriedade residencial associada à permanência (de curta duração) de alguns destes imigrantes, de resto já apontada por Fonseca (2007) e, por outro, destacar a crescente consolidação da importância da Mouraria enquanto espaço de receção de populações estrangeiras.

Adicionalmente, merece também relevo a aparente afirmação da posição relativa dos dois grupos de imigrantes acima destacados. Quase metade dos inquiridos (44%) afirmou ser originário de um país asiático – assumindo, de entre estes, destaque os chineses, os indianos e os bangladeshis, que totalizaram 38% –, enquanto cerca de ¼ dos respondentes revelou ter origem num dos PALOP. No entanto, e apesar de tal concentração de origens, a diversidade étnica encontrada foi assinalável, patenteada, por exemplo, pelos 29 países de origem mencionados, ou pela multiplicidade de afiliações religiosas afirmadas pelos imigrantes, de entre as quais se podem destacar o catolicismo romano (24%), o(s) islamismo(s) (22%), as religiões orientais (16%) e os protestantismos e cristianismos não romanos (10%).

Cumulativamente, também em termos da estrutura etária da população do Bairro, são visíveis os efeitos de tais movimentos migratórios. A este nível, importa notar que, segundo os dados provisórios dos Censos 2011 (INE, 2011), cerca de 24% da população residente das três freguesias total ou parcialmente abrangidas pelo Bairro apresentava 65 anos ou mais. Ora, os dados recolhidos na inquirição direta do projeto anunciam a dominância de um perfil etário bastante diferente para os imigrantes, pontificando os estratos de idade entre os 25-34 anos (26%) e os 35-49 anos (55%).

---

<sup>8</sup> Resumidamente, numa primeira fase, foi efetuada a inventariação funcional do edificado da área de estudo, a partir da qual se construiu uma lista numerada dos fogos suscetíveis de seleção. Após a aplicação de um sistema de validação (ou eliminação) dos agregados selecionados consecutivamente para angariação de respostas, acabou por ser inquirida uma amostra total de 200 indivíduos (um por morada), correspondendo a um total de 100 pessoas de origem imigrante e 100 de origem autóctone. O critério definidor da origem de cada inquirido foi o país de nascimento dos pais e não o do próprio. Apenas pessoas com idades superiores a 25 anos e residentes no bairro há mais de um ano foram elegíveis para inquirição. Para uma explicação mais detalhada do método de amostragem utilizado, consultar Fonseca *et al.* (2010).

Parece, assim, à luz de todos os dados apresentados anteriormente, ser possível atestar a consolidação, experienciada ao longo das três últimas décadas, da Mouraria enquanto área de receção de imigrantes provenientes de diversas origens, processo fundamental para compreender os padrões residenciais em formação e a dinâmicas económicas, paisagísticas e demográficas registadas nos últimos anos<sup>9</sup>.

Para além da importância da população imigrante e do seu contributo para a etnicização do alojamento, a análise dos dados recolhidos no projeto permitiu, ainda, identificar o aparecimento de outras dinâmicas novas – por enquanto, em escala reduzida – e que se referem à chegada ao Bairro de outro tipo de novos residentes, portadores de um capital económico e sociocultural que os afasta do perfil social e demográfico do tradicional morador da Mouraria, e os aproxima do protótipo do *marginal gentrifier* (nível educacional mais elevado, profissões mais qualificadas, maior juventude...), apresentado no ponto anterior.

Partindo do pressuposto da existência de indivíduos com estas características na amostra de 200 entrevistados do projeto *GEITONIES*, foi possível identificar e seleccionar um subconjunto de 25 inquiridos, que funciona como uma subamostra experimental e ilustrativa, passível de ser comparada com subamostras da mesma natureza, correspondentes a imigrantes e ao que podemos designar como indivíduos com um perfil de “residentes clássicos<sup>10</sup>”.

O subconjunto que passaremos a designar como *marginal gentrifiers* possui níveis de instrução elevados e uma sobrerrepresentação em atividades culturais e sociais. Assim, do total de 25 indivíduos considerados, mais de metade (13) desenvolve atividades laborais ligadas à cultura ou ao setor da chamada economia social. De entre estes, um total de 9 afirmou desenvolver funções ligadas às artes (fotógrafos, pintores, *designers*, etc.). No total, 19 (dos 25) destes inquiridos afirmou ter concluído (pelo menos) um nível de educação terciária, o que se diferencia, significativamente, da panorâmica global das freguesias abrangidas pelo Bairro que, de acordo com os dados provisórios dos Censos de 2011 (INE, 2011), registavam apenas 15,6% de residentes

---

<sup>9</sup> Por exemplo, nas três freguesias abrangidas pelo Bairro observou-se, entre 2001 e 2011, um crescimento demográfico de +8,8%, correspondente a cerca de +500 pessoas, enquanto o conjunto da cidade de Lisboa registou uma redução de -3% (dados provisórios dos Censos de 2011).

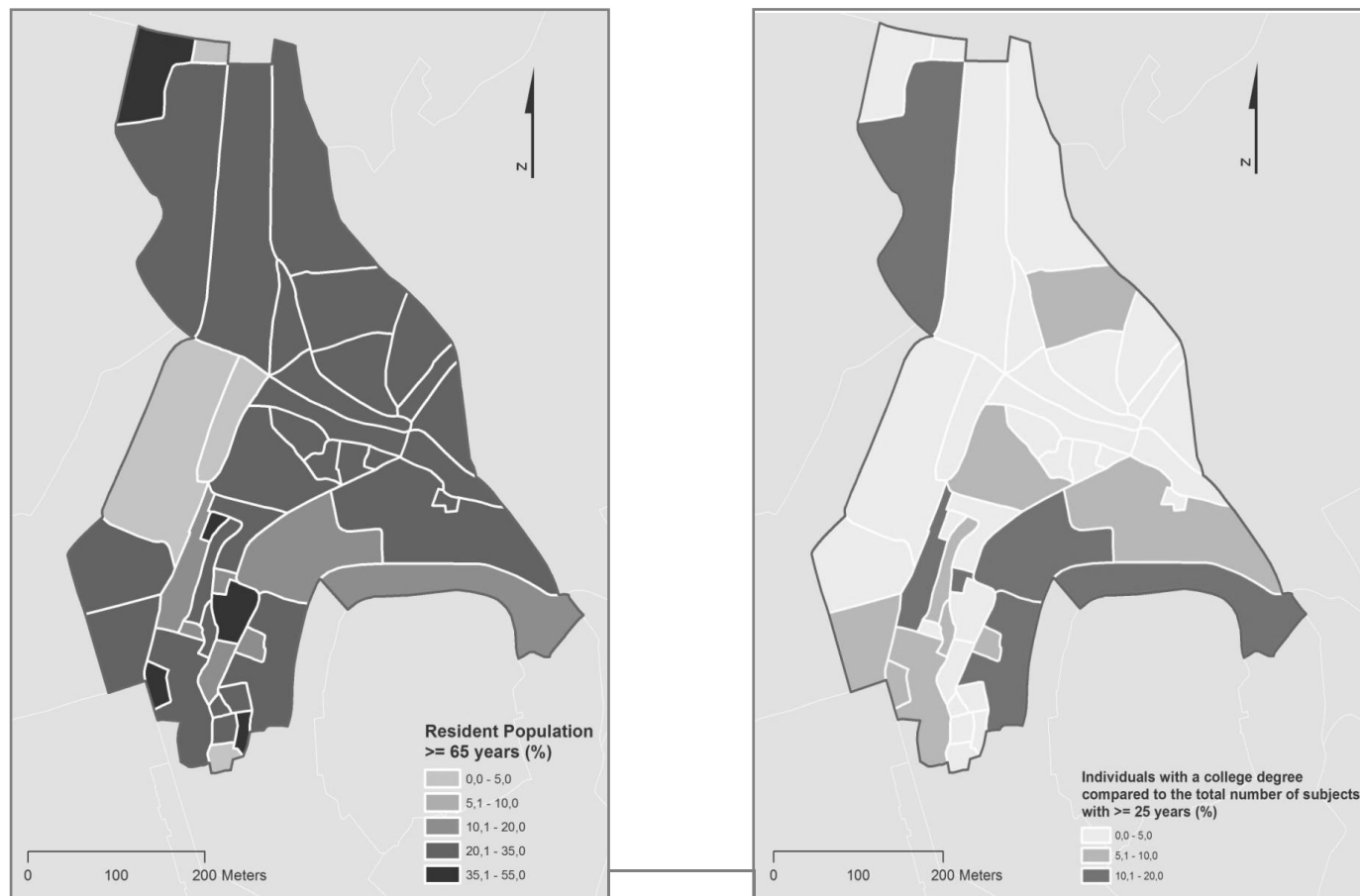
<sup>10</sup> Estes residentes clássicos têm um perfil que reproduz as características sociais dominantes entre a população autóctone do Bairro. Por razões metodológicas – ver ponto seguinte – o perfil demográfico deste grupo (p.ex. seleção de residentes mais jovens do que o perfil médio da população autóctone do Bairro) foi deliberadamente aproximado do correspondente ao dos *marginal gentrifiers*.

com 25 ou mais anos possuidores de um diploma do ensino superior. Por último, cerca de 90% destes *gentrifiers* apresentava, à altura do inquérito, idades inferiores a 50 anos.

Um dos aspetos mais importantes no que respeita à entrada destes “novos” residentes, refere-se à intensidade que o fenómeno parece estar a assumir nos últimos anos. Dos 25 indivíduos considerados, um total de 60% (15) afirmou ter chegado ao Bairro nos 5 anos anteriores à sua inquirição.

Ainda assim, e embora os resultados anteriores pareçam atestar a “novidade” inerente ao processo de nobilitação urbana marginal na Mouraria, uma análise mais fina (ao nível da subsecção estatística) dos dados dos Censos 2001 (INE, 2001) parece apontar alguns indícios do despontar do fenómeno ainda durante o decorrer da década de 1990. Efetivamente, a análise dos padrões geográficos referentes à estrutura etária e ao nível educacional da população residente no Bairro nessa altura permitem identificar algumas subáreas (a Sul-Sudeste, na área da Costa do Castelo e na Rua Marquês de Ponte de Lima) menos envelhecidas e com maior percentagem de residentes com (pelo menos) um grau de ensino superior completo (Figs. 1a e 1b). Tais padrões geográficos parecem ter vindo a consolidar-se durante a última década, argumento sustentado pelo facto de, aproximadamente, 70% dos *gentrifiers* inquiridos durante o trabalho de campo efetuado no âmbito do projeto GEITONIES residirem nas subsecções anteriormente destacadas.

**Figura 1 – Percentagem de população com 65 ou mais anos (a) e proporção de população com (pelo menos) um grau de ensino terciário completo, em função do número de moradores com 25 ou mais anos (b), residentes no Bairro da Mouraria, por subsecção estatística**



(a)

(b)

Fonte: Elaborado a partir de INE (2001).



A síntese empírica proporcionada pela apresentação dos dados anteriores permite identificar dois importantes processos de mudança, que vêm marcando, a diferentes ritmos ao longo das últimas décadas, a evolução da Mouraria, um bairro caracterizado por uma população residente “autóctone”, em geral idosa, reformada ou empregue no setor terciário indiferenciado, e com baixos níveis de escolarização.

Por um lado, vem-se assistindo, desde os anos 70 do século XX, e com maior intensidade nas duas últimas décadas, à chegada de imigrantes não europeus atraídos pelo baixo preço das rendas praticadas, por redes transnacionais de apoio e pelas elevadas potencialidades possibilitadas pela crescente afirmação da área enquanto enclave comercial étnico. Por outro, e com menor intensidade, parece estar a assistir-se, com particular incidência durante o último decénio, ao asseverar dos contornos de um processo de nobilitação urbana marginal ainda incipiente. No âmbito deste, indivíduos com uma maior vitalidade etária e um capital humano e cultural mais elevado, (apenas) em alguns casos acompanhado por um capital económico significativo, são atraídos pelas oportunidades económicas inerentes ao mercado residencial local e pelo “exotismo” propiciado pela genuinidade, pelo cosmopolitismo e pela alteridade social e cultural proporcionados pelo Bairro.

Para além dos inúmeros impactos identificáveis em termos estatísticos – por exemplo, ao nível da estrutura etária, do nível educacional, do perfil socioeconómico e das origens étnicas dos seus residentes – a chegada destes novos moradores (migrantes e *gentrifiers*), com novas matrizes e valores sociais e culturais, faz-se acompanhar de mudanças ao nível das paisagens (comerciais, residenciais, culturais) e das vivências e dinâmicas sociais e culturais do bairro, cujos efeitos importa explorar.

### **3. Do(s) discurso(s) à(s) prática(s): Diversificação cultural e (novas) dinâmicas de socialização na Mouraria**

#### **3.1. Nota metodológica**

Introduzidas algumas das dinâmicas demográficas e socioeconómicas em operação na Mouraria durante as últimas duas décadas, importa agora compreender os impactos de tais mudanças, por exemplo, ao nível das redes de socialização e dos padrões e valores culturais da população residente no Bairro. Parte-se da hipótese de que os imigrantes internacionais e os *marginal gentrifiers* trazem consigo um novo

quadro de valores, decorrentes, no primeiro caso, das especificidades inerentes ao seu *portfolio* de referências culturais de base étnica e, no segundo, do seu perfil socioeconómico e, principalmente, dos seus capitais humano e cultural.

Tendo sido identificados, na amostra de 200 inquéritos realizados no âmbito do projeto GEITONIES, 25 indivíduos residentes no Bairro com um perfil de *gentrifier*, decidiu-se, a partir desse conjunto, selecionar um grupo de controlo, igualmente constituído por 25 moradores, cuja composição geral deveria ser similar à dos *gentrifiers*, no que respeita às variáveis “sexo”, “idade” e “período de residência no Bairro”. Procura-se, desta forma, destacar os níveis educacionais e os perfis socioeconómicos dos indivíduos constituintes dos dois grupos, enquanto variáveis condicionadoras dos seus valores e, por conseguinte, dos seus comportamentos sociais e dos seus padrões de interação e de socialização. Em contrapartida, desvalorizaram-se as componentes temporais (idade dos indivíduos e tempo de residência no Bairro), assegurando a similaridade da composição dos dois grupos nestes domínios, uma vez que não se pretendia avaliar a importância destes fatores enquanto variáveis independentes, pelo menos de forma direta.

Aos anteriores dois grupos foi adicionado um terceiro, também ele constituído por 25 elementos, composto apenas por migrantes internacionais. Seguindo um procedimento semelhante ao anterior, e intuindo, desta feita, individualizar os efeitos da matriz étnica destes residentes, também se procurou que os elementos integrantes deste grupo apresentassem perfis semelhantes aos dos dois primeiros, no que respeita à idade, género e período de residência no Bairro. Sendo o tipo de atividade laboral desenvolvida e a proficiência linguística (esta última, apenas no caso dos imigrantes), também variáveis condicionadoras das possibilidades de interação e contacto, foram excluídos das amostras os indivíduos que apresentavam um domínio do português nulo ou reduzido, ou que desempenhavam uma atividade laboral de cariz comercial dentro da Mouraria.

Os perfis gerais de cada um dos três grupos descritos encontram-se apresentados no Quadro 1. A sua análise comparada torna perceptível a existência de uma assinalável homogeneidade no que respeita ao seu perfil etário, sexo e período de residência no Bairro. Como esperado, os *gentrifiers* selecionados acabam por apresentar níveis socioeconómicos mais elevados e maiores taxas de escolarização no ensino superior que a generalidade dos indivíduos dos restantes grupos. Pelo contrário, os reduzidos valores de escolarização terciária e os baixos perfis socioeconómicos dos elementos do grupo de

controlo permitem associar estes “novos” residentes a um perfil bastante similar ao do tradicional morador (não idoso) da Mouraria.

**Quadro 1 – Perfil comparativo dos três grupos de análise considerados**

Variáveis de controlo		<i>Gentrifiers</i>	Grupo de controlo	Imigrantes
Sexo	Masculino	14	12	15
	Feminino	11	13	10
Idade	Menos de 35	8	9	7
	35-49	14	14	14
	50-55	3	2	4
	Média	38.32	37.80	40.40
	Mediana	38.00	38.00	38.50
Período de residência no bairro	Menos de 5 anos	15	15	14
	Entre 5 e 10 anos	2	3	5
	Mais de 10 anos	8	7	6
	Média	7.38	7.88	7.88
	Mediana	3.00	5.00	5.00
Perfil socioeconómico <sup>11</sup>	Média ISEI	58.38	32.41	39.41
	Médio EGP	2.42	6.82	6.11
Nível educacional	Básico ou inferior	3	13	10
	Secundário	3	10	8
	Terciário	19	2	7
<b>Número total de indivíduos</b>		<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Tendo sido “isolados” empiricamente, através da constituição dos grupos anteriores, três elementos potencialmente condicionadores do quadro de referências culturais dos indivíduos – a matriz étnica, o perfil socioeconómico e o nível de escolarização – parecem encontrar-se reunidas as condições definidas, inicialmente, como necessárias para a análise dos efeitos e formas de expressão dos novos valores transportados para o Bairro, por imigrantes e *gentrifiers*, por exemplo, ao nível das suas dinâmicas de interação e socialização e das suas formas de (vi)ver (n)o bairro.

<sup>11</sup> O perfil socioeconómico dos grupos foi obtido através do cálculo de dois indicadores, nomeadamente, o *International Socioeconomic Index* (ISEI) e o *Erickson-Goldthorpe-Portocarero* (EGP) *Class Scheme*. Para mais informações sobre estes índices ver, por exemplo, Ganzeboom e Treinman (1996).

### 3.2. O(s) “discursos”: Atitudes, opiniões, valores e perceções

Uma das premissas iniciais do trabalho assentava na hipótese de que alguns dos novos residentes que iam chegando ao Bairro – *marginal gentrifiers* e imigrantes – apresentavam um capital cultural distinto dos tradicionais moradores da Mouraria. No caso dos imigrantes, o principal aspeto de divergência seria o seu quadro de referências e valores culturais de base étnica; para os *gentrifiers*, e em concordância com a generalidade da literatura, esperava-se que o seu maior capital humano (nalguns casos, secundado pelo capital económico) se refletisse num menor conservadorismo no que respeita aos valores ditos tradicionais e às suas atitudes e opiniões face ao “outro”.

Os dados recolhidos parecem confirmar esta última hipótese. Quando inquiridos acerca da sua crença em alguma religião, a maior parte (19) dos 25 *gentrifiers* manifestou não pertencer, ativa ou passivamente, a um movimento de cariz religioso, resultado contrastante com o obtido para os outros dois grupos.

Em concordância com a cisão anterior, também o posicionamento de aspetos como a “família”, os “amigos”, os “tempos livres/lazer” e o “trabalho” em escalas individuais de importância pessoal revelou nova distinção entre os *gentrifiers* e os demais grupos. Enquanto os imigrantes e a “população tradicional” destacaram o papel da família e do trabalho para a sua vida pessoal, em detrimento dos outros dois aspetos; os *gentrifiers*, embora também reconheçam, na sua maioria, a importância dos valores ligados à família e ao trabalho, demonstraram, de forma consistente e clara, uma maior preocupação com os amigos e com os seus tempos livres e/ou de lazer.

No que respeita às opiniões pessoais relativas à diferença e à alteridade – sendo, nestas questões, o “outro” personificado na figura do imigrante – de novo se verifica a anterior tendência de distinção entre testemunhos mais liberais apresentados pelos *gentrifiers*, contrastantes com os apelos mais conservadores dos elementos do grupo de controlo referente à “população tradicional”. Destaque-se, a título exemplificativo, o padrão de respostas à questão relativa à hipótese de os imigrantes virem a constituir uma ameaça futura à sociedade portuguesa: apenas cerca de 1/3 dos elementos do grupo de controlo manifestou opiniões positivas face à imigração, enquanto não mais do que 6 (dos 25) *gentrifiers* se afirmaram apreensivos em relação aos potenciais efeitos sociais negativos dos imigrantes e, mesmo estes, tenderam a direcionar a sua inquietude para a incapacidade das políticas de integração nacionais e não para os imigrantes *per se*.

Os resultados anteriores parecem, assim, efetivamente, confirmar a hipótese inicial que coloca os (*marginal*) *gentrifiers* enquanto parte de uma “*left liberal new middle class*”, menos conservadora e, em geral, mais tolerante e predisposta para lidar com a diferença e afirmar práticas emancipatórias (Ley, 1996; Butler, 1997; Lees, 2000).

Importa, então, perceber de que forma(s) é que os valores acima patenteados se refletem nas opiniões destes moradores acerca do Bairro e dos seus residentes. Tal objetivo poderá ser alcançado através da análise das identidades e dos sentimentos de pertença ao Bairro e das perceções referentes aos seus moradores e à sua segurança.

Antes de mais, há que referir que o nível de identidade com o Bairro foi relativamente semelhante para os três grupos. As respostas positivas foram sempre as mais comuns, não ultrapassando, as opiniões negativas, em qualquer dos casos, os 25% de ocorrências.

No entanto, a colocação de um leque de questões acerca das perceções pessoais sobre o Bairro (em geral), sobre as relações de vizinhança e sobre a segurança (no Bairro) permitem já identificar alguns padrões e diferenças interessantes entre os grupos. Desde logo, um aspeto a merecer destaque diz respeito ao facto das relações de vizinhança terem sido, unanimemente, classificadas de forma mais positiva que o Bairro e as suas estruturas físicas, enquanto as avaliações mais negativas foram, para qualquer dos três grupos, dirigidas às questões ligadas à segurança e à criminalidade no Bairro. No entanto – e se é verdade que, também para qualquer dos casos, as respostas positivas foram, em geral, mais comuns do que as negativas – desta feita, e ao contrário do que se verificou para as questões relativas aos valores e atitudes gerais, são os imigrantes quem mais se destaca apresentando, os *gentrifiers*, um leque de opiniões menos favoráveis e mais próximas às reveladas pelo grupo de controlo.

O cálculo da média aritmética das medianas das respostas providenciadas pelos três grupos<sup>12</sup> demonstra, exatamente, a anterior tendência, evidenciando, por um lado, a maior positividade das opiniões reveladas pelos imigrantes e, por outro, uma maior

---

<sup>12</sup> Apesar de as amostras serem compostas por apenas 25 indivíduos por grupo, o que inviabilizaria a legitimidade estatística de uma análise estritamente quantitativa destes dados, as medianas apresentadas referem-se ao total de respostas por cada dimensão de análise. Assim, estes valores são relativos, para cada um dos três grupos, a um total de 175 respostas para as perceções sobre as relações de vizinhança no bairro, 150 respostas para as perceções gerais sobre o bairro e 100 respostas acerca das perceções relativas à segurança e à criminalidade no bairro, o que, apesar do reconhecimento do elevado grau de correlação entre as questões formuladas no âmbito de cada dimensão de análise, confere já outra robustez estatística aos valores apresentados (Quadro 2).

proximidade entre os padrões de resposta dos restantes dois grupos, exceção feita às questões relativas à segurança, nas quais os *gentrifiers* voltam a evidenciar opiniões mais liberais, colocando-se numa posição intermédia entre os elementos do grupo de controlo (mais pessimistas) e os imigrantes (mais otimistas) (Quadro 2).

**Quadro 2 – Média aritmética das medianas das respostas referentes às dimensões de análise relativas às perceções sobre o Bairro e sobre os seus residentes**

Dimensões de análise		<i>Gentrifiers</i> (25 indivíduos)	Grupo de controlo (25 indivíduos)	Imigrantes (25 indivíduos)
Perceções e opiniões acerca de...	<b>Vizinhança</b> (175 respostas por grupo)	2.42	2.33	2.08
	<b>Bairro (em geral)</b> (150 respostas por grupo)	2.88	2.81	2.50
	<b>Segurança (no Bairro)</b> (100 respostas por grupo)	2.75	3.25	2.50

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Nota: Valores mais baixos correspondem a respostas mais positivas (escala entre 1 e 5).

Em suma, parece confirmar-se a ideia de que a chegada de novos residentes ao Bairro se faz, efetivamente, acompanhar de uma alteração do quadro dos valores patenteados pelos seus residentes (tradicionais). Os imigrantes, por um lado, e apesar de professarem uma clara comunhão com muitos valores associados aos segmentos mais “tradicionais” da população (religião, família, trabalho), acabam por manifestar os maiores níveis de identificação com o Bairro, revelados, entre outros aspetos, em opiniões mais positivas sobre as relações de vizinhança, sobre a segurança e sobre o “lugar” no qual residem. Por seu turno, os *gentrifiers* evidenciam um menor conservadorismo no que respeita aos seus valores individuais que – apesar de acompanhados por posturas mais críticas face ao Bairro e aos seus residentes – se revelam, por exemplo, em posições claramente mais liberais face à segurança no Bairro, do que os indivíduos mais “tradicionais”.

### 3.3. A(s) “prática(s)”: Interações e redes sociais no Bairro

Se a análise comparada dos “discursos” (valores, opiniões, percepções) apresentados pelos três grupos em análise permitiu perceber que marginal *gentrifiers* e imigrantes trazem para o Bairro um renovado quadro de valores e atitudes pessoais, importa agora aferir os efeitos de tais mudanças ao nível das práticas e dos comportamentos de cariz relacional destes indivíduos. Intuindo a prossecução de tal objetivo, procurar-se-á compreender de que modo(s) os ditos “discursos” se convertem (ou não) em “práticas”, ou seja, como é que os esses novos valores se manifestam em interações e redes sociais, particularmente dentro do Bairro.

Neste contexto, um primeiro aspeto a merecer análise diz respeito ao conhecimento que estes “novos” residentes apresentam sobre os seus vizinhos mais próximos. Quando confrontados com a pergunta “*conhece os seus vizinhos mais próximos pelo nome e morada?*”, a maior parte dos respondentes acaba, transversalmente, por responder de forma negativa. No entanto, merece destaque a maior concordância manifestada pelas opiniões da “população tradicional” e dos imigrantes, para os quais as respostas negativas foram, respetivamente, proferidas 13 e 14 vezes, valores, ainda assim, bastante mais positivos do que as 20 negações (80%) avançadas pelos *gentrifiers*.

Um segundo leque de questões, desta feita destinadas à angariação de dados sobre as interações casuais no Bairro, volta a demonstrar a mesma tendência, com imigrantes e grupo de controlo a apresentarem números similares e mais elevados de contactos positivos (expressos por conversas triviais e visitas) com os demais residentes do Bairro, do que os *gentrifiers*. No que concerne aos contactos negativos (conflitos), e apesar de uma aparente transversalidade no que respeita à existência de níveis bastante baixos de conflitualidade no Bairro, acabam por ser os imigrantes quem “descola” (ligeiramente e de forma positiva) dos outros dois grupos (Quadro 3).



**Quadro 3 – Média e mediana (entre parêntesis, e quando justificável) de efetivos referentes a três tipologias de contatos estabelecidos no Bairro pelos indivíduos dos três grupos de análise**

Interações sociais no bairro		<i>Gentrifiers</i> (25 indivíduos)	Grupo de controlo (25 indivíduos)	Imigrantes (25 indivíduos)
Com quantos moradores do Bairro teve (...) nos últimos 3 meses?	Conversas triviais	16.6 (5.0)	27.0 (21.0)	25.8 (16.5)
	Visitas	1.68	2.36	2.45
	Conflitos	0.57	0.52	0.23

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Destaca-se, assim, uma maior similaridade nos comportamentos de interação no Bairro por parte dos dois grupos com valores mais tradicionais, ou seja, o grupo de controlo e o dos imigrantes, que apresentam, aparentemente, maiores níveis de contacto e de participação nas relações de vizinhança, estando os *gentrifiers* mais ausentes de tais processos interativos.

Tais considerações são apoiadas pela análise das redes sociais globais dos indivíduos que constituem os três grupos em estudo. O conjunto dos *gentrifiers* – que se constitui como aquele que enumerou maiores valores médios e medianos de elementos na sua rede social – é aquele que apresenta uma maior dispersão geográfica dos seus principais contactos sociais. De facto, não mais do que 3 (dos 25) *gentrifiers* considerados afirmou que “*mais de metade dos contactos com quem passo tempos livres residem no Bairro*”, valor que duplica no caso das respostas apresentadas pelos indivíduos do grupo de controlo. Do conjunto dos imigrantes, pouco menos de metade dos respondentes (11) respondeu positivamente à questão anterior.

Finalmente, uma análise da estrutura étnica da rede de contactos sociais de cariz mais pessoal demonstra a existência de padrões bastante similares de interação interétnica entre os três grupos, oscilando, o número total de respondentes que assumiu que “*mais de metade dos contactos com quem passo tempos livres é de outra origem étnica*”, entre 8 (para os *gentrifiers* e para o grupo de controlo) e 9 (para os imigrantes). No entanto, uma análise mais fina dos anteriores resultados, permite perceber que as “fontes” de contacto pessoal interétnico são diferentes entre grupos. No caso do grupo de controlo e dos imigrantes, são os contextos laborais (principalmente, na construção

civil ou em serviços domésticos ou de limpeza) e as relações de vizinhança no bairro, os principais indutores de tais contactos (interétnicos). Para os *gentrifiers*, o Bairro parece ser pouco influente, ocorrendo, a maioria de tais relacionamentos pessoais, por via de casamentos/uniões de facto (metade dos *gentrifiers* não solteiros afirmou estar envolvido numa relação internacionalidades) e, em menor escala, dos seus contextos profissionais.

Em resumo, e de acordo com os dados analisados, é possível afirmar que os *gentrifiers* aparecem, consistentemente, como aqueles que apresentam menores níveis de interação e relacionamento pessoal com os demais residentes do Bairro. As suas redes sociais, tendencialmente mais extensas do que as dos restantes grupos, são também, em geral, mais fragmentadas e menos influenciadas pelo seu “lugar” de residência. Maiores níveis de contacto quotidiano no Bairro são professados pelos elementos dos dois grupos mais “tradicionais”, grupo de controlo e imigrantes. Particularmente para estes últimos, o bairro acaba por se revelar como um importante espaço de socialização, não só no que respeita às suas interações mais casuais e de cariz quotidiano, mas também em termos das suas redes sociais (de convívio e apoio) mais próximas.

O carácter multiétnico do Bairro acaba por ser, em geral, fracamente operacionalizado em termos das redes sociais dos vários grupos. Ainda assim, imigrantes e população tradicional portuguesa não autóctone do Bairro parecem fazer um maior usufruto de tal característica. Por seu turno, se parece viável assumir que os valores (mais liberais) ligados à tolerância e à igualdade afirmados pelos *marginal gentrifiers* lhes conferem interessantes possibilidades a nível da promoção e intermediação de contactos entre grupos mais conservadores, a sua expressão prática ao nível das suas redes e interações no espaço do Bairro, revela-se, de acordo com os dados anteriores, bastante reduzida.

#### **4. Considerações finais**

Ao longo do presente artigo, analisámos os dois principais processos de transformação sócio-urbanística atualmente em curso no Bairro da Mouraria: i) a instalação de imigrantes não europeus inseridos, maioritariamente, no mercado de trabalho secundário, que contribuem para a diversidade cultural e para um maior nível de etnicização do mercado residencial; e ii) a nobilitação marginal, protagonizada pela

chegada de um população mais jovem e qualificada, entendida na literatura como um segmento da “nova classe média”, possuidora de um elevado capital cultural que nem sempre corresponde a um capital económico equivalente.

Tratando-se de processos aparentemente paradoxais, tanto do ponto de vista social (contrapõe-se uma população autóctone, bastante qualificada e marcada por valores liberais e estratégias emancipatórias, a uma outra, culturalmente distinta, menos qualificada e tendencialmente mais conservadora), como urbanístico (aos imigrantes que se instalam nas áreas consolidadas do centro histórico das cidades, a literatura clássica sobre dinâmicas urbanas associa processos de desvalorização – *filtering down* – enquanto a nobilitação tende a ser interpretada como base para a revitalização – *filtering up*), importava perceber as bases para a sua coexistência e, também, o modo como se estabelece o quadro relacional, não apenas entre os membros destes dois grupos, mas também entre estes e a população autóctone, mais antiga e instalada. De resto, esta constitui um terceiro grupo bem distinto dos dois restantes, não apenas por ser mais envelhecida, mas, sobretudo, pelas suas características sociográficas (lusos, menos qualificados e com valores mais conservadores em relação a aspetos como a família ou a religião).

Embora seja necessário explorar esta questão, por exemplo com recurso a dados ainda não disponibilizados dos Censos de 2011, os resultados obtidos apontam para que a Mouraria seja, no contexto da cidade de Lisboa, o Bairro onde a coexistência entre os dois processos supracitados é mais significativa, ainda que esta ocorra de forma desequilibrada (a instalação de imigrantes residentes parece mais significativa do que a de *marginal gentrifiers*) e, aparentemente, em quarteirões não totalmente coincidentes. Os motivos para isto prendem-se com as características específicas deste Bairro, que conjugam uma imagem sócio-urbanística negativa com a existência de habitação antiga e degradada que, face à saída progressiva dos locatários mais antigos, tem vindo a ser recolocada no mercado a preços algo mais elevados. Adicionalmente, a localização na franja do centro, que tem uma tradição de presença de migrantes, internos e externos, e que há mais de 30 anos conhece a instalação de comércio étnico, sobretudo de asiáticos, levou ao progressivo desenvolvimento da rede social destas populações, aumentando o seu interesse pelo arrendamento de residências na área. Conjugando todos estes elementos – e ainda a iniciativa pública de reabilitação da Mouraria –, reúnem-se as condições para atrair populações interessadas em arrendar a preços médios e que não procuram áreas com uma imagem elitista, burguesa e marcada por preços de alojamento

elevado. Além disto, do ponto de vista sócio-cultural, a proximidade ao centro, porta de entrada social na cidade, e à rede de coétnicos justifica o interesse dos imigrantes, ao mesmo tempo que os valores dos *marginal gentrifiers* os levam a sentir empatia com um Bairro cosmopolita, com história, identidade e ofertas culturais diversas.

É, precisamente, esta última dimensão que está na base da segunda, e porventura mais relevante, questão abordada neste texto: a eventual diferença entre o discurso liberal, tolerante e valorizador do contexto local dos *marginal gentrifiers* e as suas efetivas práticas sociais. Relativamente a isto, a análise empírica demonstrou que este grupo, em comparação com os imigrantes e os autóctones “tradicionais”, tende a assumir valores menos conservadores, tanto ao nível geral (menor relevância da religião e da família; maior abertura à imigração e perceção desta como elemento positivo), como no que concerne à imagem do lugar da Mouraria, como atesta a sua posição mais favorável em relação às questões da segurança. No entanto, este discurso apresenta um razoável défice de sintonia com as práticas locais deste grupo, uma vez que estas revelam um posicionamento menos favorável face aos vizinhos e às relações de vizinhança e, também, um nível inferior de contatos com os outros residentes, o que aponta para níveis de interação mais baixos do que os experimentados por autóctones tradicionais e imigrantes.

Perante isto, e na sequência de estudos efetuados em outros locais – Rose (2004), para Montreal; Davidson (2010) ou Arbaci e Rae (no prelo) para Londres, por exemplo – é pertinente questionar, para o caso da Mouraria, o real papel dos *marginal gentrifiers* enquanto elementos de mobilização coletiva local, imbricados no tecido social do lugar e capazes de estabelecer pontes entre os vários grupos, contribuindo para uma efetiva revitalização. A partir da observação das suas práticas individuais, os *marginal gentrifiers* da Mouraria parecem privilegiar mais a sensação de proximidade face à diversidade e ao genuíno, do que uma efetiva experiência destes valores. No fundo, e partindo da questão enunciada no título deste artigo, em termos de interação individual, o ajustamento parece sobrepor-se a uma implementação explícita dos princípios emancipatórios.

Partindo para uma leitura mais abstrata, o caso da Mouraria legitima dúvidas relativamente aos efeitos potenciadores das classes médias instruídas nos processos de *mix* social, mesmo quando baseados em lógicas não planeadas e envolvendo populações com princípios liberais que valorizam a tolerância e a diversidade.

Este questionamento, assente em evidências empíricas baseadas nos limites das relações individuais e quotidianas, justifica, contudo, duas advertências finais. Por um lado, os *marginal gentrifiers* aparecem, com frequência, ligados a iniciativas coletivas que têm por objetivo a animação sociocultural do Bairro ou a contribuição para as operações de regeneração. Neste sentido, uma identificação completa do papel daqueles no quadro das relações locais e das dinâmicas sócio-urbanísticas exige uma análise do seu envolvimento em ações coletivas e na esfera pública, que também se verifica na Mouraria (e.g. projeto *Renovar a Mouraria*; contributos para o *Festival Todos*) e que não foi objeto de estudo neste trabalho. Por outro lado, estando a Mouraria a ser alvo de uma iniciativa pública de Reabilitação<sup>13</sup>, é fundamental perceber até que ponto esta é capaz de incorporar e conciliar os interesses e as expectativas dos três grupos de residentes identificados neste trabalho, contribuindo, por exemplo, para promover negociações e estabelecer pontes relacionais, que este estudo evidenciou estarem em défice.

### Referências bibliográficas

- ARBACI, S. & RAE, I. (no prelo), “Mixed tenure neighbourhoods in London: policy myth or effective device to alleviate deprivation”, in *International Journal of Urban and Regional Research*.
- BAIROCH, P. (1985), *De Jericho à Mexico: villes et économie dans l’histoire*, Paris, Gallimard.
- BARATA SALGUEIRO, T. (2001), *Lisboa, Periferia e Centralidades*, Oeiras, Celta Editora.
- (2006), “Oportunidades e transformação na cidade centro”, in *Finisterra*, 41 (81), 9-32.
- BONVALET, C.; CARPENTER, J. & WHITE, P. (1995), “The residential Mobility of Ethnic Minorities: A Longitudinal Analysis”, in *Urban Studies*, 32 (1), 87-103.
- BURGESS, E. (1925), “The growth of the city: introduction to a research project”, in R. Park [et al.] (ed.), *The City*, Chicago, Oxford University Press.
- BUTLER, T. (1997), *Gentrification and the Middle Classes*, Aldershot, Ashgate.

---

<sup>13</sup> Programa de Ação QREN Mouraria “as cidades dentro da cidade”, implementado pela Câmara Municipal de Lisboa.

- Malheiros, Jorge; Carvalho, Rui; Mendes, Luís – Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo...  
*Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
 Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 97-128
- CAULFIELD, J. (1994), *City Form and Everyday Life. Toronto's Gentrification and Critical Social Practice*, Toronto, University of Toronto Press.
- CLAY, P. (1979), *Neighborhood Renewal: Middle-Class Resettlement and Incumbent Upgrading in American Neighborhoods*, Massachusetts D. C. Heath, Lexington.
- DAVIDSON, M. (2010), "Love thy neighbour? Social mixing in London's gentrification frontiers", in *Environment and Planning A*, 42 (3), 524-544.
- FLORIDA, R. (2005), *Cities and the Creative Class*, New York, Routledge.
- FONSECA, M. L. (2007), "Inserção territorial – urbanismo. Desenvolvimento regional e políticas locais de atracção", in A. Vitorino (coord.), *Imigração: oportunidade ou ameaça?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 105-150.
- FONSECA, M. L.; MCGARRIGLE, J.; ESTEVES, A. & MALHEIROS, J. (2009), *Lisbon City Report – GEITONIES*. (relatório não publicado)
- FONSECA, M. L. [et al.] (2010), *City Survey Report: Lisbon – GEITONIES*. (relatório não publicado)
- GANZEBOOM, H. & TREINMAN, D. (1996), "Internationally Comparable Measures of Occupational Status for the 1988 International Standard Classification of Occupations", in *Social Science Research*, 25, 201-239.
- HALL, T. (1998), *Urban Geography*, London, Routledge.
- INE (2001), *XIV Recenseamento Geral da População*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- (2011), *Censos 2011 – XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação – quadros por freguesia (Dados Provisórios)*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- LEES, L. (2000), "A reappraisal of gentrification: towards a geography of gentrification", in *Progress in Human Geography*, 24 (3), 389-408.
- (2008), "Gentrification and social mixing: Towards an inclusive urban renaissance?", in *Urban Studies*, 45 (12), 2449-2470.
- LEES, L.; SLATER, T. & WYLY, E. (2008), *Gentrification*, London, Routledge.
- LEY, D. (1996), *The New Middle Class and the Remaking of the Central City*, Oxford, Oxford University Press.
- LEY, D. & MILLS, C. (1986), "Gentrification and reform politics in Montréal 1982", in *Cahiers de Géographie du Québec*, 30 (81), 419-427.

- MALHEIROS, J. (1996), *Imigrantes na região de Lisboa: os anos da mudança*, Lisboa, Edições Colibri.
- (2001), *Arquipélagos Migratórios: transnacionalismo e inovação*, Dissertação de Doutoramento em Geografia, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade da Lisboa (policopiado).
  - (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in C. R. Oliveira e J. Rath (org.), *Migrações*, n.º 3, pp. 139-164.
- MENDES, L. (2008), *A Nobilitação Urbana no Bairro Alto: Análise de um Processo de Recomposição Socio-Espacial*, Tese de Mestrado em Geografia, Lisboa, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Edições EyeImage (policopiado).
- (2009), “Gentrification and new housing demands in Lisbon’s historical centre: Analysis of urban restructuring in *Bairro Alto*”, in *EURA/UAA International Conference: City Futures in a Globalising World*, Madrid, 4 a 6 de junho.
- MENEZES, M. (2004), *Mouraria. Retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- PACIONE, M. (2001), *Urban Geography. A Global Perspective*, London, Routledge.
- RODRIGUES, W. (2010), *Cidade em Transição. Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- ROSE, D. (1984), “Rethinking gentrification: beyond the uneven development of marxist urban theory”, in *Environment and Planning D: Society and Space*, 2 (1), 47-74.
- ROSE, D. (2004), “Discourses and experiences of social mix in gentrifying neighbourhoods: A Montreal case study”, in *Canadian Journal of Urban Research*, 13 (2), 278-316.
- SAVAGE, M. & WARDE, A. (1993), *Urban Sociology, Capitalism and Modernity*, London, Macmillan.
- SMITH, N. (1996), *The New Urban Frontier. Gentrification and the Revanchist City*, London, Routledge.



## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Residential ethnicization and marginal gentrification: Process of adjustment or emancipatory practice in a neighborhood of the historic centre of Lisbon*

Following what is taking place in many cities of Southern Europe, some neighbourhoods of the historic center of Lisbon appear marked by the coexistence of two processes of socio-urban transition: the establishment of non-European immigrants and the development of marginal gentrification, whose simultaneous occurrence has led to cultural and ethnic diversity. Using the Mouraria neighbourhood in Lisbon as an example, this text aims to contribute to the understanding of the interactions and potential tensions that emerge between the two groups playing the key roles in these processes and also between them and the “traditional” local neighbours. A special attention will be given to the marginal gentrifiers, trying to detect paradoxes between a tolerant and locally committed discourse and real practices that seem to be poorly integrated in local social networks, therefore displaying a limited potential to contribute for the revitalization of the place of Mouraria.

Keywords: Socio-cultural diversity; Residential ethnicization; Marginal gentrification; Social relations.

### **Résumé**

*Ethnicisation résidentiel et gentrification urbaine marginale: Processus d'ajustement ou pratique émancipatrice, dans un quartier du centre historique de Lisbonne*

A l'image de ce qui se passe aujourd'hui dans de nombreuses villes d'Europe du Sud, certains quartiers du centre historique de Lisbonne sont marqués par la coexistence de deux processus de transition socio-urbain: l'établissement d'immigrants non européens et une nobilitation urbaine marginale, dont le développement simultané a conduit à une diversité culturelle et ethnique. En utilisant l'exemple du quartier lisboète de Mouraria, ce texte essaye de comprendre comment se concrétise l'interaction entre les groupes qui jouent les deux processus et comment se fait la gestion de potentielles tensions entre eux, et aussi avec la population traditionnelle du quartier. Sera accordée une attention particulière aux *marginal gentrifiers*, essayant de détecter possibles paradoxes entre un discours marqué par l'apologie de la tolérance et l'engagement local et une pratique effective faiblement intégrée dans les réseaux locales, et donc avec moins de potentiel pour la revitalisation de la Mouraria.

Mots-clés: Diversité socio-culturelle; Ethnicisation résidentiel; Gentrification urbaine marginale; Relations sociales.

## **Resumen**

*Etnización residencial y gentrificación urbana marginal: Proceso de ajuste o práctica emancipatoria en un barrio del centro histórico de Lisboa*

Como sucede en muchas ciudades del sur de Europa, algunos barrios del centro histórico de Lisboa, están marcados por la coexistencia de dos procesos de transición socio-urbana: la fijación residencial de inmigrantes no europeos y la evidencia de un proceso de *marginal gentrification*, cuya aparición simultánea es responsable por la diversificación cultural y étnica. Usando el ejemplo del Barrio de Mouraria en Lisboa, este artículo tratará de ver cómo se materializa la interacción y se logra la gestión de las tensiones potenciales entre los grupos que interpretan a los dos procesos, y también de estos con la población “tradicional” del Barrio. Se dará especial atención a los *marginal gentrifiers*, tratando de detectar posibles paradojas entre los discursos tolerantes y comprometidos a nivel local y las prácticas posiblemente menos integradas en las redes sociales locales, y por lo tanto con menos potencial para la revitalización del lugar de la Mouraria.

Palabras-clave: Diversidad socio-cultural; Etnización residencial; Gentrificación urbana marginal; Relaciones sociales.